

# A QUESTÃO DA HOMOSSEXUALIDADE E O BULLYING

BARDUNI FILHO, Jairo-UFV  
[jbvicoso@hotmail.com](mailto:jbvicoso@hotmail.com)

SOUSA, Dileno Dustan Lucas de

Área temática: Complexidade, diversidade e multirreferencialidade  
Agencia financiadora: Não contou com financiamento

## Resumo

Nosso objetivo é problematizar a questão do bullying e da homossexualidade na escola, ou seja, como crianças que apresentem características de uma sexualidade fora da “normalidade” tornam-se vítimas em potenciais dessa violência verbal. Utilizamos como metodologia pesquisas em fontes bibliográficas que nos amparassem no assunto, recorrendo a autores como Fante (2005), Bourdieu (1970), e Foucault (1977), para fazermos tessituras entre o fenômeno bullying e as características homossexuais no ambiente escolar. Assim como a estrutura que propicia a proliferação deste tipo de violência, e o importante papel do professor na ruptura desse problema, ressaltando que o fenômeno não ocorre apenas no ambiente escolar, mas também em casa, na comunidade e em outras instituições. A falta de conhecimento do docente sobre o fenômeno coloca a intervenção pedagógica em risco no que refere a falta de entendimento sobre bullying. A autora Cleo Fante (2005) que escreve numa perspectiva de educação para a paz, nos mostra como co-responsáveis nesta situação, vista a autoridade pedagógica que representamos. E ainda a não formação de profissionais conhecedores do tema gênero e educação, tende a contribuir com o aumento da exclusão em detrimento dos direitos dos educandos enquanto sujeitos. Impedir que alunos continuassem sofrendo gozações, é nosso dever, pois é humilhante para uma criança ouvir uma característica sua sendo exposta, de forma caricaturada, ou seja, uma tendência à opção sexual que eles mesmos ainda não formaram. Neste sentido é importante entender o campo da linguagem como reprodutor desse fenômeno, as implicações de classe, a “perpetuação da violência”, embasadas em características como: a criança ser gorda, magra, negra, pobre, ou características ligadas à sexualidade. Concluo considerando o fato de que nossa formação pedagógica deveria nos propor, informações que concebam o docente como um agente de transformação desse fenômeno que chega a passar “despercebido” na sala de aula.

**Palavras-chave:** Bullying; Homossexualidade; Educação.

## Introdução

A intolerância, a ausência de parâmetros que orientem a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente, a matéria mais difícil da escola não é a matemática ou biologia; a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida Cleo Fante (2005: pág. 91).

Quando se fala em fenômeno bullying<sup>1</sup>, isto inclui também a questão de uma educação que leve em conta o debate e a inserção de temas como a homossexualidade, pois trazer a diversidade para dentro da escola é imprescindível no que diz respeito ao reconhecimento dos direitos humanos.

A escola então fica sendo uma das instituições encarregada desse papel, pautando-se na diversidade, pluralidade, por uma educação emancipatória, e o corpo docente e seus gestores que nela se encontram, são os agentes nessa perspectiva de planejamento, e efetivação de políticas pedagógicas visando à construção dessa educação libertadora.

Sabemos que uma formação não se dá apenas no conhecimento das disciplinas obrigatórias que por vezes acaba por cristalizar ainda mais a concepção preconceituosa que parte dos alunos constroem sobre a questão LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais e, transexuais).

Nossa sociedade vive um processo de rápido crescimento e profundas transformações, nessa esteira se afirma o grupo LGBT que vem emergindo seja pelos recortes das conhecidas paradas gays, ou pela publicização da questão por meio de personagens em novelas, por exemplo.

E o que vem sendo feito para garantir os direitos desse grupo “minoritário” que representa cerca de dez por cento da população brasileira? Segundo o relatório Kinsey<sup>2</sup>. Esse é um questionamento necessário e procedente, num país que por um lado tem um número recorde de participantes em paradas gays, amarga também o lado negativo de

---

<sup>1</sup> Quando eu trago o fenômeno bullying concebo em sua amplitude raça, etnia, classe, mais neste artigo darei mais ênfase ao aspecto da sexualidade.

<sup>2</sup> A publicação do primeiro volume do famoso relatório sobre a sexualidade humana (*Sexual Behavior in the Human Male*), em 1948, deu origem a uma enorme polêmica nos Estados Unidos. O livro foi um dos mais vendidos naquele ano. Rapidamente, Kinsey se transformou numa celebridade, considerado até hoje como uma das personalidades mais polêmicas do século XX. Foi capa dos principais jornais e revistas do país. O segundo volume, abordando a sexualidade das mulheres (*Sexual Behavior in the Human Female*) foi publicado em 1953. A controvérsia que daí resultou foi inevitável, pois certos dados chocavam a estrutura clássica da família americana no final da década de 1940 e início da década de 1950. A América acabava de descobrir que, segundo os estudos de Kinsey, 92% dos seus homens e 62% das suas mulheres se masturbava. E que 37% dos homens e 13% das mulheres já tinham tido uma relação homossexual que lhes tinha proporcionado um orgasmo. Neste caso, os fatos foram noticiados pela imprensa sensacionalista como uma verdadeira bomba. Os seus relatórios foram vistos por muitos como o início da revolução sexual da década de 1960. Apesar de ainda hoje encontrarmos dados resultantes do Relatório Kinsey, há que ter em conta que esses mesmos dados têm cerca de 50 anos e que, certamente, muitas das práticas e percentuais da época podem certamente ter se modificado. ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfred\\_Kinsey#O\\_Relat.C3.B3rio\\_Kinsey-Relat%C3%B3rio\\_Kinsey](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfred_Kinsey#O_Relat.C3.B3rio_Kinsey-Relat%C3%B3rio_Kinsey) Busca em 29/06/08.)

ter um dos mais altos índices de violência homofóbica do mundo. Superando países islâmicos onde existe a condenação para atos homossexuais.

Sabemos que por mais que tenham ocorrido alguns “avanços”. Ainda estamos longe de países onde a legislação e prática já estão bem efetivadas.

No atual situação trago a educação então como um dos instrumentos para mudança de compreensão e formação de sujeitos ativos na busca de seus direitos, na luta pela democracia, e respeito à diversidade, pois como futuro educador acredito no poder da escola como ainda o espaço de formação crítico-social da sociedade em que o aluno está inserido, já que todas as reivindicações de luta de grupos e classe converge para dentro da escola como espaço onde deveria se discutir e problematizar tais questões.

E trago o fenômeno bullying<sup>3</sup> como uma das violências a qual a criança e suas características sexuais são as vítimas principais.

### **A linguagem dentro da escola**

A língua é a realidade imediata do pensamento. Da mesma maneira que deram ao pensamento uma existência independente, os filósofos foram obrigados transformar a língua em um campo independente. (Marx; Engels, a ideologia alemã)

A linguagem é uma questão muito importante dentro dessa conjuntura em que se encontra a escola e o bullying, pois a criança acaba ouvindo e reproduzindo termos pejorativos como sapatão, e viado sejam através da família, amigos (as) de escola, mídia, vizinhos etc.

Na forma a qual apresento a questão da linguagem, me questiono de que forma o professor pode ser um agente nessa quebra de linguagem viciosa? A injúria que ocorre na forma do linguajar acaba por trancar possibilidades do próprio sujeito se conhecer, e reconhecer sua sexualidade.

---

<sup>3</sup> O bullying, termo sem equivalente em português, é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, de forma velada ou explícita, adotada por um ou mais indivíduos contra outro(os), causando dor, angústia e sofrimento. Está presente na família, na escola, no trabalho, na comunidade. Está presente na família, na escola, no trabalho, na comunidade...Mas é na escola e no trabalho que o fenômeno bullying se revela, se acentua e marca de forma indelével a alma do indivíduo, aterrorizando-o e levando-o a reações desesperadas, podendo chegar até o suicídio.(Cleo Fante- 2005)

Pois a impressão passada quando ocorre o referimento a uma criança sobre sua sexualidade diferente do que se ensina em casa, esta criança logo repudia e toma aquilo como sendo dentro de suas curiosidades sexuais à forma imprópria que nunca deve ser falada, mesmo que se deseje. A masculinidade se constrói e se afirma contra a homossexualidade, o que logo se concentra sempre uma violência prestes a explodir de na forma do bullying.

Pois se é dito com tanta ênfase, ou até mesmo na entonação de voz deixando claro que se trata de algo ruim, ou gesto ao se repudiar alguém inferindo injúrias como mulherzinha, e machinho acaba deixando uma lacuna aberta para que este repúdio e a injúria se reproduz com facilidade. Assim sendo dentro das práticas sociais o menino e preparado a se portar como um homem viril, com a sensibilidade aparada, e as meninas tratadas como mocinhas delicadas, e submissas.

Este fato se deve a uma linguagem sintética e direcionada a conduzir os alunos (as) a perceberem o lugar deles enquanto gênero. E a escola como instituição de poder que é, faz exerce esta função com primazia.

Outro aspecto que a forma de organização social em que os participantes dessa violência estão organizados e importante para entendermos o porquê eu trouxe no começo deste artigo que apesar de enfatizar a sexualidade, não podemos deixar de perceber como que a classe, raça, características hereditárias estão fortemente imbricadas neste contexto.

Pois a fala é, portanto condicionada pela hierarquia e dominação e pela resistência as mesmas, pois as relações que se estabelecem dentro da escola é o reflexo da disparidade que há entre ricos e pobres, brancos e negros, heterossexuais e homossexuais. “A linguagem, no mundo real, não é regida pela universidade das normas morais, mas pelas estruturas desiguais da ordem social e sexual”. O ato de fala que é a injúria não é evidentemente sustentado pela busca de uma comunicação intersubjetiva. Ele não instaura a intercompreensão entre dois sujeitos abstratos e iguais em direito. Na situação da injúria, não se trata de “contrair uma relação”, mas ao contrário, de instituir e de perpetuar cortes entre classes de seres sociais e sexuais (Eribon, 2008, p.125).

A forma com que o professor irá também se referir a turma no coletivo influência inconsciente numa formação patriarcal exaltando sempre a linguagem no masculino, como (alunos, seus colegas, até mesmo referindo-se no masculino como “respeitem o professor” etc.), esse tipo de tratamento leva a criança a ir cristalizando

estes termos, e construindo uma concepção que o mundo masculino é que é o mais valoroso, que é ao homem que se deve respeito.

Em suma falar da sexualidade significa romper com a situação “normal”, já que está é definida pela linguagem e forma de tratamento que se dá cotidianamente a sexualidade periférica.

### **O bullying perpassando a vida escolar**

Vários são os estudos que mostram os altos índices de homofobia dentro das escolas, em diferentes níveis de escolaridades, perpassando o ensino básico, chegando a graduação vários são os estudantes LGBT que sofrem discriminação na época de estudantes, e ainda continuam sofrendo, e a escola possui uma parcela no processo formativo que ela adota, percebe-se que há uma distância entre a teoria e prática. Ou seja, da lei prescrita sob aparatos legais, e a ação implementada no cotidiano.

Até porque não há obrigação das escolas em seguir as diretrizes que são indicadas para elas, através de documentos como os Parâmetros curriculares. E os currículos que são elaborados dentro da perspectiva de gênero por vez acabam reforçando características dominantes e machistas, buscando tratar a questão da mulher, a questão da raça, mas a questão da diversidade sexual ainda parece ser um gargalo que não se afirma enquanto ação pedagógica.

Ora, a instituição de uma Base Nacional Comum com uma Parte Diversificada, a partir da LDB, supõe um novo paradigma curricular que articule a *Educação Fundamental com a Vida Cidadã*. Assim as escolas com suas propostas pedagógicas, estarão contribuindo para um projeto de nação, em que aspectos da Vida Cidadã, expressando as questões relacionadas com a Saúde, a Sexualidade, a Vida Familiar e Social, o Meio Ambiente, o Trabalho, a Ciência e a Tecnologia, a Cultura e as Linguagens, se articulem com os conteúdos mínimos das Áreas de Conhecimento (Diretrizes Curriculares Nacionais. Câmara de educação básica - Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental parecer CEB 04/98).

A omissão de professores e gestores se mesclam com a falta de uma formação anterior para o trabalho com temas como Homossexualidade na sala de aula, levam os professores a não perceberem, ou não saberem como agir em relação a discriminações ocorrentes em sala de aula, ou tratando a sexualidade ainda dentro de disciplinas estanques como ciência/biologia, de forma anatômica binária com os órgãos sexuais masculinos e femininos, não fazendo menção a qualquer outro tipo de sexualidade que

não seja aquela normalizada pela sociedade e disseminada como a única possível, e “correta”.

E até mesmo essa omissão se mescla com o desrespeito até mesmo com os profissionais que incitam o desejo de se trabalhar com a temática na sala de aula, pois erroneamente isto logo precede um indicio que aquele professor seja homossexual, reforçando o preconceito e sexismo dentro da instituição escolar.

O que se torna um desrespeito com o aluno LGBT que não se sente integrante daquela explicação padronizada, sendo sempre adotado pela sua condição biológica seja em sala de aula, ou na educação física, com esportes determinados para meninos x meninas (vôlei para meninas, futebol para meninos, e por ai vai se reforçando os papeis sociais) sendo as crianças alvo constante de Bullying, por não se adequarem aquele esporte, ou por manifestarem o desejo em praticar o esporte contrário aquele indicado a ele (a).

E importante lembrarmos também que os livros didáticos também que são fornecidos pelo governo federal não se adequam quanto a tratar do assunto, pois não há nem nos textos nem ilustrações que mostrem o novo perfil de família que vem surgindo, prevalecendo ainda a imagem da família patriarcal ( Pai, mãe, e filhos), o que acaba por entrar em conflito com qualquer tentativa de rompimento com essa ideologia cristalizada.

Ou seja, por um lado à escola não está preparada para lidar com tal assunto, percebemos que a sociedade como um todo também falha no seu papel de respeito às diferenças sexuais, seja o governo federal, ou qualquer outra instituição.

Da mesma forma em que a homofobia é jogada por debaixo dos panos pelos professores, e gestores, também acontece dentro da universidade, pois além de existir uma omissão pelas vitimas, devido a morarem em um prédio onde o gay é minoria, este tem medo de retaliação, bem como na escola onde o menino é coibido pelo grupo homogêneo de contar sobre a violência vivida, o morador de alojamento sabe que seu caso, será mediado de forma a abafar o ocorrido, além de colocá-lo mais em evidência, acaba reforçando o ato homofobico. E a Universidade que teria supostamente o dever de se posicionar nestes casos vem se colocando de forma neutra.

Acredito que apesar do bullying ser algo pesquisado e tido mais dentro do âmbito escolar, muito se percebe o acontecimento deste fenômeno dentro de casa, com o país maltratando e humilhando os próprios filhos com xingamentos, dando continuidade ao que ocorre na escola, ou seja, a linguagem vem sendo novamente usada

num contexto do domínio do filho pelo pai, onde estes são maltratados na frente dos colegas, de vizinhos, e estas atitudes acabam por estigmatizar a criança dentro do seu bairro, na escola, onde o contrário também é verdadeiro, ocorrendo o estigma da escola para a casa.

Entre os xingamentos mais comuns sofridos pelas vítimas de Bullying são aqueles em relação à sua sexualidade: (bichinha, mulherzinha, mulher-macho) é comumente usado para fragilizar a criança, numa sociedade onde masculinidade está intrinsecamente ligada a atitudes viris, o choro também tem um peso significativo para o agravo desses xingamentos. Além de fortalecer o repúdio por tudo aquilo que parece remeter ao feminino, reproduzindo o modelo patriarcal burguês capitalista.

Segundo Levisky, na família existe uma cultura de violência como forma de educação. Essa cultura violenta está estreitamente relacionada à idéia de que os filhos são propriedades dos pais, que têm sobre eles o direito de vida e morte. Comumente presenciamos mãe ou pai que maltratam publicamente seus filhos, sem qualquer punição para seus atos e sem contar com a ação da comunidade em sua defesa. (2005: p. 184)

Está claro que o sexismo na escola, causa sofrimento à criança, que assim irá aprender que ela deve se comportar como menino, ou menina, de acordo com o órgão sexual dela, sendo privada a criança de expor sentimentos, vontades, colocando em risco o processo pedagógico, e psicológico infantil, e adolescente. A discriminação no âmbito escolar abre um caminho de difícil volta na vida de da criança, já que este carregará para sempre na memória essa fase da vida, além de poder reproduzir futuramente a discriminação sofrida, num despertar de violência (Atos homofobicos).

Pois se esta situação causou tanto sofrimento na infância, esta criança pode assimilar o desejo de querer dominar através de atitudes violentas julgando o homossexual como ser inferior digno de sofrimento e até de morte.

### **As implicações da classe**

Bourdieu, juntamente com Passeron (1970) trazem o conceito de violência simbólica, partindo de princípios que a cultura ou o sistema simbólico dominantes são arbitrários, pois se assentam em preconceitos tidos como naturais como: Mulher é fraca, pobre é preguiçosos, que os homens brancos são mais inteligentes que os homens

negros, que todo homossexual é um doente, etc. Assim define-se violência simbólica como difundido em mitos, símbolos, imagens, mídia, e construções sociais.

Enfim ser uma criança branca filha de uma elite trás uma diferença na intensidade que se sofre a violência, em relação a uma criança, negra, e pobre. Ou seja, gênero, classe e raça estão intrinsecamente ligados ao fenômeno bullying.

Filhos das classes dominantes e dominadas travam uma luta no que diz respeito à violência escolar, e a tentativa da hierarquização entre os dois lados, implicados dentro da linguagem, dos códigos, dos signos presentes nas relações cotidianas e da resistência também do dominado em sair dessa situação de inferiorização, sendo um reflexo do modelo vivenciado pelos pais no principalmente no trabalho, onde os pais de uns são empregados dos pais de outros que são os patrões.

E daí fica a pergunta será que estes pais têm consciência do que os filhos sofrem na escola, e isso acaba sendo um reflexo das atitudes que eles tomam, da postura que eles se colocam seja no trabalho, mas principalmente dentro de casa, na presença dos filhos?

Pois não é raro para o filho do operário escutar todas as queixas de seu trabalho, da exploração sofrida, da submissão obrigatória destes para com seus chefes, e o contrário também é verdadeiro, o filho do patrão ouvir seu discurso demagógico, sua postura autoritária perante seus funcionários, e estes dois exemplos tendem a ser assimilados em casa, e reproduzidos na escola.

Portanto torna-se fundamental que os pais tenham consciência do papel deles enquanto modelos a serem seguidos pelos filhos, pois o professor não tem dificuldades de romper com essa inculcação dos alunos, seja pela postura submissa, ou pela postura autoritária, dessa forma a escola e a família necessitam estar em consonância no que diz respeito do bullying.

Este fazer “a opressão real ainda mais opressora acrescentando-lhe a consciência da opressão”, a que Marx se refere, corresponde á relação dialética subjetividade-objetividade. Somente na sua solidariedade, em que o subjetivo constitui com o objetivo uma unidade dialética, é possível a práxis autêntica. A práxis, porém é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido. (FREIRE: 1978, pág. 40)



## O fenômeno Bullying

A palavra violência é polissêmica, à medida que é fruto da sociedade onde a criança está inserida, e como esta criança define a violência, e até que ponto existe uma tolerância do ato cometido, dentro da escola, principalmente no recreio, o pátio é o cenário onde ocorre a maioria de casos de bullying. O fenômeno é antigo, e a partir da década de 1970 que começaram estudos sistemáticos sobre a violência na escola, disseminando o conceito desta violência.

O fenômeno é considerado novo devido à somente agora que a sociedade desperta para este problema, e ao mesmo tempo se caracteriza como uma problemática antiga devido a ser uma violência que sempre existiu de crianças valentonas coagirem as aparentemente mais indefesas.

De nada adianta a escola instalar câmeras, se não se tratar das questões interpessoais, se não apostarem no diálogo entre as diferenças, não descortinando assuntos como à homossexualidade, racismo, xenofobia etc.

E uma das “armas” que os agressores mais usam para humilhar e coibir suas vítimas é apontar as tendências homossexuais da vítima, causando o sofrimento prolongado da criança, caso não se detecte a agressão, pois em boa parte dos casos as vítimas sofrem caladas, sendo ameaçadas a se calar. Ou seja, este tipo de violência seria o que Bourdieu (1970) traz como a violência simbólica, onde esta atinge de forma mais intensa e provoca um efeito maior, do que a violência física. Dentro de um Habitus<sup>4</sup> formalizado pela escola.

O quadro da violência vai progressivamente se agravando, e os sintomas vão aos poucos sendo percebidos em casa, como medo, depressão, fobia pelo contato com outras crianças, pesadelos, e isolamento, e medo da escola sendo explicado através de mentiras para não ir a aula, diante deste quadro é importante que os pais se atenham quanto o que está havendo nesta relação entre o filho e a escola, e procurar tecer um

---

<sup>4</sup> Conceito de *habitus* para BOURDIEU: "sistemas de posições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente 'reguladas' e 'regulares', sem que, por isso, seja o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação combinada de um maestro" (BOURDIEU *apud* MICELI, 1987: XL). "(...) sistema de disposições duráveis e transferíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma e graças às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por estes resultados" (*ibid.*: XLI).

diálogo e contato maior com esta criança, para que dessa forma ela consiga identificar o bullying.

Lembrando que o contato com a professora do seu filho também é fundamental estreitar este laço pode ser a chave para evitar que o quadro se agrave, detectando o problema a tempo de se tomar uma atitude.

### **Justificativa.**

Ao escolher este tema para discurso, trouxe junto o sentimento que me afligia como pesquisador, e morador de um alojamento, que é o da rotina de um estudante universitário Gay, lógico remetendo-me a minha própria trajetória escolar, conhecendo bem a discriminação, insultos, agressões verbais, e constrangimentos que um aluno com tendências homossexuais sofre.

Também percebi muito dessa questão do bullying principalmente ligado ao gênero em estágios que venho fazendo em escolas da cidade de Viçosa, e como que os professores ainda não possuem a preocupação de se tratar a questão da diversidade sexual, percebo que a raça vem sendo trabalhada de forma lenta mais presente, entretanto a falta de diálogo nas salas, de afirmação de papéis femininos e masculinos continuam a ser uma constante nesta minha observação.

Cada vez mais as crianças de hoje em dia tem contato com gays, lésbicas, bissexuais, dentro da família, na vizinhança, ou até mesmo dentro da própria escola, e como vivemos numa sociedade de informações, eles acabam de alguma forma encontrando explicações errôneas, e preconceituosas a respeito da opção sexual desses indivíduos.

Por esta razão, pela experiência profissional e individual que tenho é que sinto a necessidade de escrever sobre o assunto, no intuito de problematizar e alertar pais, profissionais da educação quanto a este fenômeno e sobre nossa co-responsabilidade como traz Fante (2005).

Outro fato que me move a escrita deste artigo é a falta de material sobre o assunto, tanto deste quanto de materiais que tratem o tema LGBT havendo um déficit didático pelos livros, quanto da própria metodologia de trabalho das escolas em levar para a discussão este assunto.

Avaliar e propor estratégias para fortalecer o Brasil sem Homofobia, programa de combate à violência e à discriminação GLBT da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, que visa ainda à promoção da cidadania homossexual. (In: [www.conferencianacionalglt.com.br/imprensa.php](http://www.conferencianacionalglt.com.br/imprensa.php).)

Fica claro também que a discriminação é uma das causas que agrava as desigualdades sociais, pois à medida que os indivíduos são alvos de mecanismos discriminatórios, maior o fortalecimento de uma sociedade patriarcal, capitalista, e segregadora, e menor será a possibilidade do sujeito ascender a essa situação negativa fomentada por estes mecanismos.

### **Considerações finais**

Neste sentido este estudo mostra como que o Bullying está intrinsecamente associada à prática da homofobia, e conseqüentemente combate de um significa uma diminuição significativa da outra, cabe as escolas e comunidade em geral (professores, gestores, funcionários, pais) enfim todos os agentes sociais se voltarem mais para este assunto, já que a homossexualidade não é tratada na escola como se deve isso quando é colocado em pauta.

Os professores parecem preferir pensar que as tendências homossexuais das crianças irão desaparecer quando estas forem crescendo, e por isto atribuem as agressões a outros fatores, e ignoram o verdadeiro motivo de perseguições, humilhações etc.

Desta maneira vejo ser de suma importância que a escola incorpore a discussão e fomenta dispositivos de debates sobre o assunto, pois não tem como combater o Bullying sem entender que este é um produto da sociedade atual insistindo em alijar as diferenças, e continua exaltando o modelo eurocêntrico, e binário de sociedade. E que só através da promoção do encontro dos diferentes é que iremos constituir uma nova geração de crianças e adolescentes mais saudáveis, e ajudar na constituição de um país sem homofobia, e racismo.

Apenas quando a sociedade se mobilizar em prol da cooperação de todos e que iremos modificar o quadro de violência que encontramos em nossas escolas e sociedade.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. PASSERON Jean Claude. **A reprodução elementos para uma teoria.** Do sistema de ensino, Lisboa, 1970.

BRASIL, PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA E SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS. **Direitos humanos e políticas públicas: o caminho para garantir a cidadania de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, e transexuais.** Texto-base da conferência nacional de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, e transexuais: 2008 In: [www.conferencianacionalglt.com.br/imprensa.php](http://www.conferencianacionalglt.com.br/imprensa.php).

-Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental - PARECER CEB 4/98. Busca em 29/06/08.

ERIBON. Didier. Reflexões sobre a questão gay, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2008.

FANTE. C. **Fenômeno Bullying.** Campinas: Versus, 2005

FOUCAULT, M. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 1977

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido: Editora Paz e Terra, 1978.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfred\\_Kinsey#O\\_Relat.C3.B3rio\\_Kinsey](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfred_Kinsey#O_Relat.C3.B3rio_Kinsey)- Relatório Kinsey Busca em 29/06/08.

<http://www.zinder.com.br/legislacao/dcn.htm#ceb498> Câmara de educação básica - Busca em 29/06/08

Karl Marx e Friedrich Engels, **The german Ideology**, 3ªedição (Moscou: Progress Publishers, 1976), p. 43, 49. In: WOOD, Ellen Meiksins. FOSTER, John Bellamy. Em defesa da História Marxismo e Pós Modernismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1999.